

Ao sair da escola, o importante é saber como agüentar o tranco

*Professor de física
relembra histórias do
dilema entre formar e
selecionar alunos*

ERNESTO W. HAMBURGER
Especial para o Estado

Pode-se dividir as pessoas que lidam com educação em dois grandes grupos: aqueles preocupados, em primeiro lugar, com a seleção efetuada pelo sistema educacional, com a qualidade dos exames e avaliações, a garantia da competência dos diplomados, e outros que querem antes de tudo aperfeiçoar as ações em sala de aula e fora dela, para que os alunos possam aprender o máximo possível. É claro que as duas preocupações não se excluem mutuamente, mas geralmente uma delas predomina.

As duas linhas de pensamento contam com representantes ilustres.

O meu avô H. Liepmann, que depois se tornou conhecido psiquiatra, fez o exame final para ser médico com o famoso fundador da anatomia patológica moderna e sanitarista K. Virchow, na Alemanha, no fim do século passado. Em uma carta aos irmãos, descreve as peripécias do exame oral, em que o professor, além de exigir conhecimentos, agride e tripudia sobre os candidatos: para passar, não bastava ser competente, era necessário também ter nervos fortes! (v. "Um exame de patologia na Alemanha de 1894", em *Suplemento Cultural, Estado*, 3/4/1977)

Ouvi, anos atrás o professor S. Lifshitz, chefe, juntamente com o prêmio Nobel L. Landau, de importante escola de física teórica na então União Soviética, autor de influentes livros e orientador de uma pleiade de físicos importantes, descrever o treinamento de estudantes no nível de doutorado. As exigências eram enormes, só os mais aptos conseguiam acompanhar o passo rápido dos mestres. Havia muitos interessados em trabalhar com os dois professores que, como foi dito, formaram escola. Já no Brasil o mesmo sistema hoje talvez não funcionasse bem, pois nossas faculdades formam poucos físicos muitos bons, capazes de "agüentar o tranco". A União Soviética tinha, à época, um excelente sistema educacional.

Fui aluno do Colégio Estadual Presidente Roosevelt de 1948 a 1950, quando era o único colégio estadual de 2º ciclo na Capital. Havia muitos candidatos e era necessário passar por um exame de seleção para entrar. Além disso, o professor de matemática, Antonio Alvez Cruz, era muito exigente, quem não aprendesse, não era promovido. Assim as quatro turmas de primeiro ano eram reduzidas a uma única turma de segundo ano. Quem se formou no colégio naquele tempo é porque sabia estudar; para nós, o Cruz, como o chamávamos com medo, foi bom professor — melhor, principalmente, que aqueles que pouco faziam e nada exigiam. Mas para os 75% de alunos reprovados, não sei se foi.

A segunda linha tem apoio entre pensadores religiosos progressistas, particularmente católicos, e psicólogos como Vigotsky e Piaget. A Unesco tem apoiado linha semelhantes,

como também o Banco Mundial em seus programas para o chamado Terceiro Mundo. Às vezes foram cometidos grandes equívocos educacionais sob a inspiração dessas idéias, como a introdução de uma falsa profissionalização já no ensino básico, e a proposta de formação de professores polivalentes em licenciaturas curtas, nos anos 70. A pre-

texto de combater o elitismo, abandonou-se, em alguns casos, exigências mínimas de nível de conhecimento. Por outro lado, os métodos eficientes de alfabetização, seja de crianças, seja de adultos, são exemplos do sucesso dessa linha.

A preocupação com o exame vestibular, que dominou as discussões educacionais nos jornais nos anos 60 e 70, é característica da primeira linha. Educadores eminentes, como Isaias Raw, acreditavam que, melhorando o exame vestibular, seria possível influir fortemente nas escolas de segundo grau e melhorá-las. Os vestibulares progrediram e são hoje, em geral, exames razoavelmente bem feitos. Entretanto, a rede escolar como um todo continua com ensino muito fraco. Melhoraram algumas escolas particulares e caras e, naturalmente, os cursinhos. A maioria das escolas não foi afetada pelas mudanças dos exames.

Uma historinha ilustra bem esse fato. O saudoso professor Pierre Lucie preparou, durante anos seguidos, as questões de física do grande exa-

me vestibular do Rio de Janeiro. Incluiu a cada ano uma mesma questão, sobre aceleração centrípeta, mas sempre formulada em palavras e desenhos um pouco diferentes. Sua expectativa era que os professores dos colégios e cursinhos percebessem que esta questão sempre caía, passassem a ensinar o assunto, e o índice de acertos subiria. Entretanto, observou ao longo dos anos que os acertos desta questão não aumentaram, até diminuíram um pouco! A rede escolar não sofria influência, em sua grande maioria, do exame vestibular, nem os cursinhos tinham penetração (ou competência) suficiente para alterar o quadro.

Não parece que instituir ou melhorar exames gerais seja um caminho eficaz para a melhoria da educação no Brasil.

Entretanto, os problemas da educação no Brasil são simples e conhecidos, e a sua solução, embora difícil, também não é segredo. Os grandes problemas são as altas taxas de repetência e evasão, a falta de apoio pedagógico e psicológico, alimentar e de saúde aos alunos, o número insuficiente de aulas, a formação deficiente dos professores, o pouco tempo que dedicam à preparação das aulas, o grande número de aulas e de alunos de cada professor, os baixos salários, as frequentes faltas de professores e os dias sem aulas, as condições físicas das escolas — localização, tamanho, iluminação, conservação e limpeza das classes, etc.

As soluções existem, são conhecidas e já adotadas por muitas escolas: apoio e acompanhamento de cada aluno individualmente pelo professor, principalmente nas primeiras séries, orientação psicológica do aluno e dos pais quando necessário, boa saúde e alimentação, aulas de reforço se necessárias, escolas limpas e atraentes, com bom recreio, cuidadosa organização de atividades, orientação pedagógica, aulas regulares sem faltas ou greves, excursões e visitas a museus, exposições, parques, etc., professores bem formados, atividades de atualização para professores, salários decentes. Com este tipo de apoio, quase todos os alunos aprendem muito, até surpreendem! Não deveria ser surpresa, o ser humano é apto, basta oferecer condições favoráveis.

A avaliação faz parte da educação. Entretanto, pode haver educação sem exames e sem notas. Lembro de como fiquei intrigado quando, anos atrás, o professor Oswaldo Frota Pessoa começou a dar cursos sem provas e exames no Departamento de Biologia. Parecia impossível, mas funcionou. Não é panacéia, mas mostra que a avaliação em forma de exames ou trabalhos não é sempre necessária. E não é pelo lado da avaliação que vamos resolver os problemas da educação no Brasil.

Quanto às universidades, especialmente as públicas, seu maior fracasso, a meu ver, não está nas carreiras tradicionais de direito, medicina e engenharia, mas sim na ausência de licenciados, isto é, quase não formam professores para as escolas. Os professores da rede escolar de São Paulo provem, em grande maioria, de pequenas faculdades onde as condições de ensino não são, em geral, boas. As universidades públicas têm capacidade de formar bons professores, mas parece não haver interesse. Imagine a movimentação que ocorreria se a USP, por exemplo, passasse a formar somente 12 advogados por ano, e a Unicamp só cinco médicos! Mas são número típicos de licenciados que estão saindo (em física).

Se o governo quer induzir modificações nas universidades para melhorar a educação no País, poderia premiar com verbas as universidades que formassem muitos e bons professores às custas daquelas que formam poucos. Além disso, como estímulo, os estudantes de licenciatura poderiam receber bolsas-trabalho para exercer funções auxiliares no ensino escolar, sob supervisão de docentes universitários. Cito um exemplo que conheço na Estação Ciência (Centro de Divulgação Científica mantido pela USP em convênio com o CNPq, localizado no bairro da Lapa, na Capital): alunos de vários cursos universitários trabalham como monitores, explicando para o público, predominantemente escolar, os aparelhos e objetos expostos. Os monitores aprendem a explicar e os visitantes reforçam seu aprendizado. O engajamento das universidades em programas anclares de melhoria do ensino, como este, poderia estimular a formação de professores.

■ Ernesto W. Hamburger, professor catedrático de Física Geral e Experimental na USP, é coordenador da Estação Ciência.

**A AVALIAÇÃO
FAZ PARTE DA
EDUCAÇÃO,
MAS PODE
HAVER
EDUCAÇÃO SEM
EXAME E NOTA**